

# “Para que sejam minhas testemunhas até aos confins da Terra”

Semana Missionária Hospitaleira 2022

17-23 de outubro



**Para que sejam minhas  
testemunhas na Hospitalidade**

## ÀS IRMÃS HOSPITALEIRAS E AOS IRMÃOS DE SÃO JOÃO DE DEUS

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Como todos os anos, enviamos o material de base para celebrar a Semana Missionária Hospitaleira, subordinada este ano ao lema "*Para que sejam minhas testemunhas até aos confins da Terra*", que pode ser anunciado no dia 16 de outubro, domingo, com a introdução da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões.

Tornando-nos eco da Mensagem do Papa Francisco e de outros autores, que se referem sempre à evangelização, durante a Semana abordamos temas como a sinodalidade, as guerras e a imigração. Pomos à vossa disposição textos de reflexão para cada dia, a partir de diferentes perspetivas.

Perante a realidade que nos cabe viver, a fidelidade à nossa missão exige de nós criatividade, discernimento e coragem para nos deixarmos desafiar por aqueles que sofrem, pelos pobres, por aqueles que perderam o emprego ou os seus entes queridos, e para continuarmos a responder a cada situação com os nossos gestos de hospitalidade.

Oxalá que a reflexão e a oração baseadas nos diferentes textos ajudem a fortalecer e a tornar frutuoso o nosso envio em missão a partir do nosso serviço de hospitalidade, onde quer que nos encontremos.

Um caloroso abraço para todos(as) e cada um(a) de vós, com o desejo de que, juntos, possamos continuar a ser mensageiros do Evangelho na nossa Igreja em saída.

Ir.<sup>a</sup> Maria Begoña

Ir. Angel López

## Introdução

“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito..., ou seja, pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros. Mas, se uma pessoa coloca a tarefa dum lado e a vida privada do outro, tudo se torna cinzento e viverá continuamente à procura de reconhecimentos ou defendendo as suas próprias exigências. Deixará de ser povo.”

FRANCESCO, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 273.

Texto a ler no domingo, 16 de outubro, como anúncio da Semana Missionária:

## Dia Mundial das Missões 2022

### O Papa: retomemos a coragem dos primeiros cristãos

A Igreja é pela sua própria natureza missionária, evangelizar é a sua identidade. Jesus, antes de subir ao Céu, deixa aos seus discípulos o mandato que é um chamamento essencial para todos os cristãos: *"ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo"*. Na Mensagem para o Dia Missionário, o Papa Francisco propõe algumas reflexões sobre as palavras-chave que descrevem a vida e a missão dos discípulos.

### De mim, sereis minhas testemunhas

Sereis minhas testemunhas: estas palavras, escreve o Papa, são "o ponto central": Jesus diz que todos os discípulos serão suas testemunhas e que "serão constituídos tais pela graça" e "a Igreja, a comunidade dos discípulos de Cristo, não tem outra missão senão a de evangelizar o mundo, dando testemunho de Cristo". E continua:

*Todo o batizado é chamado à missão na Igreja e por mandato da Igreja: por isso, a missão realiza-se em conjunto, não individualmente: em comunhão com a comunidade eclesial e não por iniciativa própria. E ainda que alguém, numa situação muito particular, leve avante a missão evangelizadora sozinho, realiza-a e deve realizá-la sempre em comunhão com a Igreja que o enviou.*

### É Cristo, Aquele de quem devemos dar testemunho

O Papa Francisco cita as palavras de S. Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*: "Evangelizar nunca é para alguém um ato individual e isolado, mas um ato profundamente eclesial". Ele observa então que os discípulos "são enviados por

Jesus ao mundo, não só para fazer a missão, mas também e sobretudo para viver a missão; não só para dar testemunho, mas também e sobretudo para serem testemunhas de Cristo".

*Os missionários de Cristo não são enviados para se comunicarem a si mesmos, mostrar as suas qualidades e capacidades persuasivas ou os seus dotes de gestão. Pelo contrário, têm a honra sublime de oferecer Cristo, por palavras e atos, anunciando a todos a Boa Nova da sua salvação, com alegria e ousadia, como os primeiros apóstolos.*

### **Até aos confins do mundo**

A missão confiada aos discípulos tem um carácter universal, estendendo-se de Jerusalém até "aos confins do mundo". E Francisco esclarece: eles "não são enviados para fazer proselitismo, mas para anunciar; o cristão não faz proselitismo". Eles são a imagem da Igreja 'em saída'. Devido à perseguição em Jerusalém, os primeiros cristãos dispersaram-se e "testemunharam Cristo em toda a parte", observa o Papa, e acrescenta:

*Algo semelhante acontece ainda no nosso tempo. Devido a perseguições religiosas e a situações de guerra e violência, muitos cristãos veem-se constrangidos a fugir da sua terra para outros países. Estamos gratos a estes irmãos e irmãs que não se fecham na tribulação, mas testemunham Cristo e o amor de Deus nos países que os acolhem.*

"Ir até aos confins do mundo", escreve o Papa, é uma indicação que "deve questionar os discípulos de Jesus em cada época":

*A Igreja de Cristo sempre esteve, está e estará «em saída» rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanos «de confim», para dar testemunho de Cristo e do seu amor a todos os homens e mulheres de cada povo, cultura, estado social. Neste sentido, a missão será sempre também "missio ad gentes", como nos ensinou o Concílio Vaticano II, porque a Igreja terá sempre de ir mais longe, para além das próprias fronteiras, para testemunhar a todos o amor de Cristo.*

### **Recebereis a força do Espírito Santo**

Confrontado com uma responsabilidade tão grande, Jesus promete também aos seus a graça de ter êxito: o Espírito Santo dar-lhes-á força e sabedoria. Sem o Espírito, nenhum cristão será capaz de dar pleno testemunho de Cristo:

*Por isso cada discípulo missionário de Cristo é chamado a reconhecer a importância fundamental da ação do Espírito, a viver com Ele no dia-a-dia e a receber constantemente força e inspiração d'Ele. Mais, precisamente quando nos sentirmos cansados, desmotivados, perdidos, lembremo-nos de recorrer ao Espírito Santo na oração (esta – permitam-me que o destaque mais uma vez – tem um papel fundamental na vida missionária), para nos deixarmos restaurar e fortalecer por Ele, fonte divina inesgotável de novas energias e da alegria de partilhar com os outros a vida de Cristo.*

### **Uma Igreja missionária**

A Mensagem termina recordando Maria, Rainha das Missões:

*Queridos irmãos e irmãs, continuo a sonhar com uma Igreja toda missionária e uma nova estação da ação missionária das comunidades cristãs. E repito o*

*desejo de Moisés para o povo de Deus em caminho: «Quem dera que todo o povo do Senhor profetizasse». Sim, oxalá todos nós sejamos na Igreja o que já somos em virtude do Batismo: profetas, testemunhas, missionários do Senhor! Com a força do Espírito Santo e até aos extremos confins da Terra.*

## **Segunda-feira, 17 de outubro**

***Praedicate Evangelium*** (cf. Mc 16,15; Mt 10,7-8)

Tal é a missão que o Senhor Jesus confiou aos seus discípulos. Este mandato constitui «o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje». Para isso foi chamada: para anunciar o Evangelho do Filho de Deus, Cristo Senhor, e, através do mesmo, suscitar a obediência da fé em todos os povos (cf. Rm 1, 1-5; Gl 3, 5). A Igreja cumpre o seu mandato, sobretudo quando testemunha, por palavras e por obras, a misericórdia que ela própria gratuitamente recebeu. Disso nos deixou o exemplo o nosso Senhor e Mestre, quando lavou os pés aos seus discípulos e disse que seríamos felizes se assim fizéssemos também nós (cf. Jo 13, 14-17). Deste modo, «com obras e palavras, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo». Assim fazendo, o povo de Deus cumpre o mandamento do Senhor que, ao pedir para anunciarmos o Evangelho, nos incita a cuidar dos irmãos e irmãs mais frágeis, dos doentes e dos que sofrem.

### **A conversão missionária da Igreja**

A «conversão missionária» da Igreja destina-se a renovar a Igreja segundo a imagem da missão de amor, própria de Cristo. Por conseguinte, os seus discípulos são chamados a ser «luz do mundo» (Mt 5, 14). É assim que a Igreja reflete o amor salvífico de Cristo que é a Luz do mundo (cf. Jo 8, 12). Ela mesma torna-se mais radiosa, quando leva aos homens o dom sobrenatural da fé, «luz que orienta o nosso caminho no tempo», e se coloca ao serviço do Evangelho para que esta luz «cresça a fim de iluminar o presente até se tornar uma estrela que mostra os horizontes do nosso caminho, num tempo em que o homem está particularmente necessitado de luz».

### **Todo o cristão é discípulo-missionário**

O Papa, os Bispos e os outros ministros ordenados não são os únicos evangelizadores na Igreja. Eles «sabem que não foram instituídos por Cristo para se encarregarem por si sós de toda a missão salvífica da Igreja para com o mundo». Todo o cristão, em virtude do Batismo, é um discípulo-missionário «na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus». Não se pode deixar de ter isso em conta na atualização da Cúria, pelo que a sua reforma deve prever o envolvimento de leigas e leigos, mesmo em funções de governo e de responsabilidade. Além disso, a sua presença e participação são essenciais, porque cooperam para o bem de toda a Igreja e, pela sua vida familiar, pelo seu conhecimento das realidades sociais e pela sua fé que os leva a descobrir os caminhos de Deus no mundo, podem dar o seu precioso contributo, sobretudo quando se trata da promoção da família e do respeito pelos valores da vida e da

criação, do Evangelho como fermento das realidades temporais e do discernimento dos sinais dos tempos.

## **Terça-feira 18 de outubro**

### **A Boa Nova para os dias de hoje**

Alegramo-nos pelo facto de que o Deus Vivo não nos abandonou na nossa perdição e falta de esperança. No seu amor, Ele veio ao nosso encontro em Jesus Cristo para nos resgatar e restaurar. Dessa maneira, a Boa Nova evidencia a pessoa histórica de Jesus, que veio proclamar o Reino de Deus e viver uma vida de serviço humilde, morreu por nós, tornando-se pecado e maldição em nosso lugar e Deus manifestou a sua aprovação, ressuscitando-O dos mortos. Aos que se arrependem e creem em Cristo, Deus concede uma parte na nova criação. Ele dá-nos uma nova vida, a qual inclui o perdão dos nossos pecados e a presença e a força transformadora do Seu Espírito. Ele acolhe-nos na sua nova comunidade, constituída por pessoas de todas as raças, nações e culturas e promete-nos que um dia entraremos no seu novo mundo, no qual o pecado será abolido, a natureza será redimida e Deus reinará para sempre.

Esta Boa Nova deve ser proclamada com ousadia onde quer que seja possível: na Igreja e nos âmbitos públicos, abertamente, nas rádios e televisões. Temos a obrigação de a proclamar e difundir porque se trata do poder de Deus para a salvação. Na nossa pregação, devemos declarar fielmente a verdade que Deus revelou na Bíblia e fazer de modo que ela esteja ligada ao nosso próprio contexto.

Afirmamos também que a apologética, isto é, “a defesa e confirmação do Evangelho” (Fl 1,7), faz parte integrante da compreensão bíblica da missão e é essencial para um testemunho efetivo no mundo moderno. Paulo “discutia” com pessoas que não conheciam as Escrituras a fim de as “persuadir” da verdade do Evangelho. Assim devemos fazer também nós. De facto, todos os crentes devem estar prontos para dar a razão da esperança que há neles (1pe 3,15). Fomos novamente colocados diante do Evangelho como Boa Nova para os pobres, como sublinha o Evangelho de Lucas (Lc 4,18; 6,20; 7,22), e interrogámo-nos o que significa isto para a maioria da população mundial – que é constituída por pobres, pessoas que sofrem ou são oprimidas. E recordaram-nos que a lei, os profetas e os livros de sabedoria, assim como os ensinamentos e o ministério de Jesus, todos enfatizam a preocupação de Deus pelos pobres em termos de recursos económicos e o nosso dever de nos interessarmos por eles e de cuidarmos deles.

A Sagrada Escritura refere-se também àqueles que são espiritualmente pobres, que só olhando para Deus podem alcançar misericórdia. O Evangelho, como Boa Nova, destina-se a todos: aos pobres de espírito, independentemente das circunstâncias económicas em que se encontram, que se humilham perante Deus e recebem através da fé o dom gratuito da salvação. Não existe outra maneira de entrar no Reino de Deus. As pessoas carenciadas e frágeis encontram, contudo, uma nova dignidade como filhos de Deus e o amor de

irmãos e irmãs que lutam com eles pela sua liberação de tudo quanto os degradam e oprimem.

Arrependemo-nos de termos descurado algumas verdades da Palavra de Deus e comprometemo-nos a proclamá-las e a defendê-las. Arrependemo-nos também de termos ficado indiferentes perante o clamor dos pobres e de termos mostrado preferência pelos ricos. Comprometemo-nos a seguir a Jesus na pregação da Boa Nova as todas as pessoas, por palavras e obras.

*Manifesto de Manila – Chamar a Igreja inteira a levar integralmente o Evangelho ao mundo inteiro.*

## **Quarta-feira, 19 de outubro**

***Deixo-vos a minha Paz, dou-vos a minha paz.***

### **GUERRA, O MAIOR PECADO – EVANGELIZAÇÃO, O MAIOR ANTÍDOTO**

Nos dias de hoje não faz sentido citar frases da Antiguidade ou da Idade Média para justificar a guerra em certos momentos. Atualmente, as circunstâncias tecnológicas – que modificaram profundamente a vida humana – fazem de qualquer guerra o pior pecado que pode existir. Um pecado cresce em gravidade à medida que aumenta a possibilidade de o evitar ou de lhe pôr termo.

Se a guerra é um pecado de tal magnitude, educar nos hábitos de paz tem de ser o sinal mais contundente da evangelização. Uma evangelização que se torne cultura e caracterize uma forma de detetar e confrontar as injustiças através de mecanismos não violentos. Num mundo que progressivamente se afasta da Igreja, o milagre para o mundo acreditar continua a ser a Ressurreição e a Vida. Há algo de errado na forma atual de evangelização e, como diz o Evangelho, *"cada árvore conhece-se pelo seu fruto"* (Lc 6, 43).

O mundo não é neutro, o seu príncipe (Jo 14, 30), como um leão a rugir, anda a rondar-vos, procurando a quem devorar (1pe 5,8). Os cavaleiros do Apocalipse (fome, guerra, pestilência e morte) fazem o seu trabalho num mundo abandonado ao seu poder. O maior antídoto consiste numa evangelização em consonância com os tempos, em sintonia com o Vaticano II, com a Doutrina Social da Igreja atualizada.

Estamos a desperdiçar o potencial salvífico do cristianismo que se manifesta na primeira coisa que Jesus ressuscitado diz aos seus apóstolos: "A paz esteja convosco... Assim como o Pai me enviou, assim Eu vos envio a vós...". Deus fez-se homem, morreu e ressuscitou para nos dar a PAZ e para nós continuarmos a construí-la como seu Reino, como Civilização do Amor, com a chama do seu Espírito, que se realizará plenamente na Parusia. O primeiro direito da dignidade humana é podermos permanecer vivos, não nos matarmos uns aos outros..., seja em nome do que for. Nós adoramos o Deus da Vida, que dá vida. Jesus é o pão da vida, a água viva, aquele que tem palavras de vida eterna, etc.

Passaram dois mil anos de compreensão do Evangelho que, progressivamente, nos fizeram compreender que nenhuma guerra pode ser justificada. Assim como agora sabemos como interpretar os atos bélicos macabros do Antigo Testamento, assim também a fé nos abre os olhos para revermos os erros das

guerras e do colonialismo da História cristã. Há que aprofundar um pedido de perdão e retificação dos métodos de evangelização, pois a humildade torna-nos livres para anunciarmos o tesouro que transportamos em vasos de barro.

Guilherme de Jesus Kowalski

## **Quinta-feira, 20 de outubro**

### **Novos modelos de ação missionária**

A ação do Espírito de Deus no mundo trouxe grandes multidões de crentes para o Reino. Surgiram novas igrejas das quais chegaram ao Terceiro Mundo milhares de missionários. Agora, o mesmo Espírito desafia-nos a reconsiderar não só as estruturas missionárias, mas também as formas de compromisso. Que impacto tem este último sobre as culturas a que se dirige? Esta é uma grande questão, especialmente para as igrejas formadas mais recentemente. Algumas missões que operam no mundo ocidental optaram pela internacionalização das suas estruturas e pelo recrutamento de missionários de diferentes nacionalidades. Este é um facto positivo.

Um outro motivo de regozijo é o aumento constante das missões ativas nos países do chamado Terceiro Mundo. Estão a ser exploradas formas de estabelecer relações de ajuda mútua entre estes dois tipos de sociedades missionárias, empenhadas em setores diferentes, com o mesmo mandato em mente. Algumas formas de colaboração já estão em curso, com benefícios mútuos.

É de esperar que haja uma maior divulgação de notícias a este respeito e um aumento de experiências deste tipo (no campo da formação missionária, bem como na dotação de pessoal, na partilha de meios e na comunicação de experiências e informação). As missões jovens devem ser deixadas livres de aprenderem com os próprios erros. Muitos dos problemas que enfrentam, contudo, já foram resolvidos por missões mais antigas, cuja experiência elas devem conhecer para a poderem aproveitar.

Declaração do Congresso de Wheaton

## **Sexta-feira, 21 de outubro**

### **Caminho sinodal do Povo de Deus, peregrino e missionário**

A sinodalidade manifesta o carácter “peregrino” da Igreja. A imagem do Povo de Deus convocado de entre as nações (At 2,1-9; 15,14) exprime a sua dimensão social, histórica e missionária que corresponde à condição e à vocação o ser humano como *homo viator* (homem peregrino). O caminho é a imagem que ilumina a inteligência do mistério de Cristo como Caminho que conduz ao Pai. Jesus é o Caminho de Deus até ao homem e do homem até Deus. O acontecimento de graça com o qual Ele Se fez peregrino, armando a sua tenda no meio de nós (Jo 1,14), prolonga-se no caminho sinodal da Igreja.



A Igreja caminha com Cristo, por meio de Cristo e em Cristo. Ele, o Viandante, o Caminho e a Pátria, oferece o seu Espírito de amor (Rm 5,5) para que n'Ele possamos seguir o «caminho mais perfeito» (1cor 12,31). A Igreja é chamada a caminhar de novo sobre as pegadas do seu Senhor até ao seu retorno (1cor 11,26). É o Povo do Caminho (At 9,2; 18,25; 19,9) em direção ao Reino celeste (Fl 3,20). A sinodalidade é a forma histórica do seu caminhar em comunhão até ao repouso final (Heb 3,7- 4,44). A fé, a esperança e a caridade guiam e dão forma ao peregrinar da assembleia do Senhor «em vista da cidade futura» (Heb 3,14). Os cristãos são «pessoas que estão de passagem e estrangeiros» no mundo (1pe 2,11), assinalados com o dom e a responsabilidade de anunciar a todos o Evangelho do Reino

O Povo de Deus está em caminho até o fim dos tempos (Mt 28,20) e até aos confins da Terra (At 1,8). A Igreja vive através do espaço nas diversas Igrejas locais e caminha através do tempo desde a páscoa de Jesus até a sua parusia. Ela constitui um sujeito histórico singular no qual já está presente, em ação, o destino escatológico da união definitiva com Deus e da unidade da família humana em Cristo. A forma sinodal do seu caminho exprime e promove o exercício da comunhão em cada uma das Igrejas locais peregrinas e da comunhão entre elas na única Igreja de Cristo

A dimensão sinodal da Igreja implica a comunhão na Tradição viva da fé das diversas Igrejas locais, entre si e com a Igreja de Roma, tanto em sentido diacrónico – *antiquitas* (antiguidade) – como em sentido sincrónico – *universitas* (universalidade). A transmissão e a receção dos Símbolos da fé e das decisões dos Sínodos locais, provinciais e, de modo específico e universal, dos Concílios ecuménicos, expressou e garantiu de modo normativo a comunhão na fé professada em todo o lugar, sempre e por todos (*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est*).

A sinodalidade é vivida na Igreja ao serviço da missão. *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est* (a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária); ela existe para evangelizar. Todo o Povo de Deus é o destinatário do anúncio do Evangelho. Nele, cada batizado é convocado para ser protagonista da missão, uma vez que todos somos discípulos missionários. A Igreja é chamada a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes na sua vida para discernir os caminhos da evangelização, escutando a voz do Espírito.

Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja*, 49-53.

## **Sábado, 22 de outubro**

### **Acolher a palavra de Deus e procurar a justiça**

Na Igreja, ninguém é estrangeiro, e a Igreja não é estranha a pessoa alguma e em nenhum lugar. Enquanto sacramento de unidade e, portanto, sinal e força agregadora de todo o género humano, a Igreja é o lugar onde também os emigrantes sem documentação legal são reconhecidos e acolhidos como irmãos. É tarefa das diversas dioceses mobilizar-se para que estas pessoas, constringidas a viver fora da rede de proteção da sociedade civil, encontrem um sentido de fraternidade na comunidade cristã.

Solidariedade significa assumir a responsabilidade em relação a quem está em dificuldade. Para o cristão, o migrante não é simplesmente um indivíduo a respeitar, segundo as normas fixadas pela lei, mas uma pessoa cuja presença o interpela e cujas necessidades se tornam um empenho para a sua responsabilidade. «Que fizeste do teu irmão?» (cf. *Gn* 4, 9). A resposta não deve ser dada no âmbito das imposições legais, mas no estilo da solidariedade.

A Igreja considera o problema dos emigrantes irregulares na perspectiva de Cristo, que morreu para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos (cf. *Jo.* 11, 52), para recuperar os excluídos e aproximar os que estão distantes, para integrar todos numa comunhão que não se baseia na pertença étnica, cultural e social, mas na vontade comum de acolher a palavra de Deus e de procurar a justiça.

A Igreja dá continuidade à missão de Cristo: «era peregrino e recolhestes-Me» (*Mt* 25, 35). É tarefa da Igreja não só repropor ininterruptamente este ensinamento de fé do Senhor, mas também indicar a sua apropriada aplicação às diversas situações que a mudança dos tempos continua a suscitar. Nos dias de hoje, o emigrante irregular apresenta-se-nos como aquele «estrangeiro» em quem Jesus pede que seja reconhecido. Acolhê-lo e ser solidário com ele é dever de hospitalidade e fidelidade à própria identidade de cristão.

João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial da Migração e dos Refugiados*, 1996.

## **Domingo 23 de Outubro**

### **A Pastoral Migratória Intercultural**

Libertando-se de todos os medos, nomeadamente dos que resultam de percepções falsas, as comunidades católicas são chamadas a construir pontes com os recém-chegados, promovendo uma verdadeira 'cultura do encontro'. Esperamos sinceramente que estas Orientações nos ajudem a tornar-nos, de facto, construtores de pontes e a adquirir um maior conhecimento, feito de experiência, da riqueza que os migrantes e os refugiados trazem às nossas comunidades.

Considerando todas as ocasiões de encontro com os migrantes e os refugiados necessitados como uma oportunidade de encontrar o próprio Jesus Cristo (cf. *Mt* 25, 35), as comunidades católicas são convidadas a compreender e valorizar as oportunidades que os migrantes oferecem para uma renovação das suas comunidades e a aumentar o apreço pelo outro...

As comunidades católicas são convidadas a ver na presença de muitos migrantes e refugiados de outros credos, ou sem religião, uma oportunidade providencial para cumprir a missão evangelizadora da Igreja através do testemunho e da caridade.

Graças ao reconhecimento da presença dos migrantes e dos refugiados que, pela graça de Deus, tem vindo a aumentar nas comunidades católicas, a Igreja continuará a sublinhar a multiplicidade dos seus membros como uma riqueza a valorizar e o contributo dos deslocados como uma oportunidade para uma expressão mais sólida e visível da catolicidade da nossa fé.

No encontro com a diversidade dos estrangeiros, dos migrantes, dos refugiados e no diálogo intercultural que daí pode surgir, é-nos dada a oportunidade de crescermos como Igreja, enriquecendo-nos mutuamente. Com efeito, todo o batizado, onde quer que se encontre, é membro de pleno direito da comunidade eclesial local e membro da única Igreja, habitante na única casa, componente da única família.

Com efeito, as presentes Orientações Pastorais visam dinamizar-nos para que, principiando a nível local e alargando a nossa ação até aos mais longínquos confins dos nossos países, possamos acolher, proteger, promover e integrar os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados, construindo o Reino de Deus em fraternidade e universalidade em união com o cântico de Zacarias: “Do juramento que fez a Abraão nosso pai, de nos conceder que, sem temor, libertos das mãos do inimigos, O sirvamos em santidade e justiça na Sua presença, em todos os nossos dias” (Lc 1, 73-75).

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral – Secção Migrantes e Refugiados, *Orientações Sobre a Pastoral Migratória Intercultural*, Cidade do Vaticano, 2021.